

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E AMBIENTAIS RELACIONADOS À PRESENÇA DO CEMITÉRIO NA COMUNIDADE DE SANTANA – ILHA DE MARÉ, SALVADOR-BA¹

*Virgília Cerqueira Santos**

* Bióloga licenciada pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE) – Salvador-BA. Especialista em Ecologia e Intervenções Ambientais pela UNIJORGE. E-mail: virgilia.santos@hotmail.com

RESUMO: A cultura apresenta grande importância na organização da sociedade contemporânea, de modo que seu estudo se faz imprescindível à compreensão das relações entre os homens e o meio. A atribuição de valores e significados ao local remete a questões históricas, sociais e políticas. A forma de integrá-lo na constituição da identidade coletiva influencia diretamente nas práticas ligadas a sua proteção. Os cemitérios são bons exemplos da organização espacial da cultura, de sua importância e dos paradoxos produzidos no decorrer da história, pois representam um importante registro do passado e permitem a compreensão dos gêneros de vida, traduzidos em nossa relação com a espiritualidade. Este trabalho teve como objetivo compreender os aspectos socioculturais e ambientais relacionados à presença do cemitério na Ilha de Maré. Apresenta como objetivos específicos: analisar a relação entre os aspectos ambientais ligados às instalações do cemitério e a saúde da comunidade local, discutir a questão cultural envolvida no processo de mudança de hábitos/costumes da comunidade e verificar a posição da comunidade em relação à possibilidade de interdição do cemitério.

Palavras-chave: cemitério; cultura local; antepassados; Ilha de Maré.

Abstract: Culture has great importance in the organization of contemporary society, so cultural studies are indispensable to be able to understand the relationship between humans and the environment. The allocation of values and the significance of a specific locality refers to its historical, social and political issues. The way that it is integrated in the structure of collective identity has a direct influence on its protection. Cemeteries are good examples of the spatial organization of culture, they are important and have produced paradoxes throughout history, they represent an important record of the past and allow us to understand different ways of life, and represent our relationship with spirituality. This study aimed to understand the cultural and environmental aspects related to the presence of the cemetery on the island of Maré with the following objectives: to analyze the relationship between environmental aspects, cemetery structure and the health of the local community, to study cultural issues involving the changing habits and customs of the community and to verify community opinion on the possible relocation of the cemetery.

Keywords: cemetery; local culture; ancestors; Ilha de Maré.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados de investigação no campo sociocultural, de natureza exploratória, realizada na Ilha de Maré, Salvador-Bahia. A pesquisa foi motivada pela possibilidade de interdição do único cemitério local por parte do Ministério Público. Essa interdição se justificaria por falta de licenciamento ambiental conforme as exigências da legislação vigente, sob a alegação de que o mesmo poderia estar comprometendo a qualidade de vida da população e a qualidade do ambiente.

¹ Artigo elaborado com base em Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de especialista em Ecologia e Intervenções Ambientais, elaborado sob orientação da Professora Rosiléia Oliveira de Almeida.

É importante ressaltar que o cemitério de Ilha de Maré, assim como a maioria dos cemitérios de Salvador, foi construído muito tempo antes da elaboração da legislação ambiental. Devido às dificuldades de acesso à documentação ou da possível inexistência da mesma, não foi possível comprovar a data da sua fundação, o engenheiro responsável, a área ocupada, dentre outros dados importantes para reconstituição da sua história.

Os primeiros cemitérios pertenciam a particulares, mas, a partir do séc. III, passaram a ser propriedade da comunidade cristã, ficando anexos às igrejas, pois era aspiração de todo bom crente ser enterrado ao lado da tumba dos mártires. Especialmente em Roma, as comunidades mais ricas adquiriam terrenos onde sepultavam seus mortos. Para abrigar os túmulos de possíveis profanações, construíram as criptas no subsolo e, sobre elas, edifícios de culto. Esses cemitérios cristãos - particularmente os mais resguardados - passaram a chamar-se "catacumbas" (originariamente o nome de um campo próximo ao cemitério de São Sebastião, em Roma). Era nas paredes dessas galerias subterrâneas que se faziam as tumbas para enterrar os mortos, sendo também o local utilizado pelos primeiros cristãos para se reunirem secretamente no período em que eram perseguidos. Assim, quando começaram a levantar igrejas ao ar livre, sobre aquelas tumbas, generalizou-se o costume de enterramento de pessoas de alta condição (bispos, príncipes, etc.) no interior e reservaram-se os átrios das igrejas para o restante da comunidade cristã.

Ter uma cova dentro da igreja era também uma forma de os mortos manterem contato mais amigável com os vivos, lembrando-lhes que rezassem pelas almas dos que foram [...] Para as autoridades eclesiásticas, havia a vantagem política adicional de lembrar aos vivos que seu dia chegaria, reprimindo-lhes a vontade de pecar, e animando-os na piedade cristã e na obediência à Santa Madre (REIS, 1997, p. 125).

Com o passar do tempo, os espaços no interior das igrejas foram ficando escassos, chegando ao limite na segunda metade do século XIV, quando a peste negra assolou o território europeu, provocando a morte de milhares de pessoas em poucos meses e deixando os cemitérios abarrotados de corpos. A solução encontrada naquele momento foi enterrar os corpos também no pátio das igrejas, o que gerou a criação dos cemitérios

ao lado ou nos fundos delas. Assim, entre os séculos XII e XIV, os enterros foram se tornando cada vez mais religiosos, até chegarem ao seu auge no século XVII.

As crises de mortalidade, acontecidas na Baixa Idade Média, em função de epidemias e pestes, interferiram no comportamento relacionado à morte, pois, nesses momentos de fatalidade, os homens se viram desobrigados a cumprirem os rituais fúnebres.

Surgiram preocupações, principalmente na Alemanha, por parte de alguns médicos, quanto aos problemas causados pelos corpos que estavam em processo de decomposição, uma vez que “emanavam das sepulturas vapores ou fumaça que transtornavam o ar, e que interferiam diretamente na saúde do ser humano, causando alguns tipos de doenças” (PETRUSKI, 2006, p. 99). Por essa nova perspectiva, a presença do morto se tornava inconveniente e representava perigo aos vivos. Além disso, os médicos também recomendavam que essa aproximação fosse evitada por motivo de saúde pública.

Transformações de forma mais significativa, a respeito dos cemitérios, ocorreram a partir da primeira metade do século XVIII, quando foram levados para fora dos jardins e do interior das igrejas. Com isso, os mortos passaram a ser velados e enterrados no circuito íntimo da família. Essa postura veio acompanhada pela redefinição da noção de ritual e da intensificação do interesse por individualizar a sepultura, antes privilégio da nobreza e do clero. Além disso, novos critérios médicos foram desenvolvidos, pois a grande quantidade de túmulos, no convívio com os vivos, preocupava os higienistas, que passaram a alertar a população para o grande perigo dessa proximidade. Coube à ‘doutrina dos miasmas’ fundamentar essa nova maneira de pensar e agir, uma vez que propugnava que as doenças estavam associadas à putrefação e aos maus odores, podendo se propagar pelo ar e ser evitadas por substâncias que impedissem a putrefação (ANDRÉ, 2009).

Este trabalho teve como objetivo geral compreender os aspectos socioculturais e ambientais relacionados à presença do cemitério na comunidade de Santana, na Ilha de Maré. Apresenta como objetivos específicos: analisar a relação entre os aspectos ambientais ligados às instalações do cemitério e a saúde da comunidade local; discutir a questão cultural envolvida no processo de mudança de hábitos/costumes da

comunidade; verificar a posição da comunidade em relação à possibilidade de interdição do cemitério e analisar o nível de aceitação da população local em relação à presença do cemitério na comunidade ao tomar conhecimento dos problemas ambientais por ele gerados.

2 ASPECTOS CULTURAIS LIGADOS AOS CEMITÉRIOS

A formação das diferentes sociedades se dá por diversos fatores. Neste estudo privilegiamos os aspectos socioculturais e ambientais, que agem sobre os espaços de maneiras distintas, de acordo com as necessidades, desenvolvendo, a partir deles, uma cultura singular. Podemos dizer que não existe uma sociedade igual a outra, da mesma forma que uma cultura não se repete. A pluralidade das práticas culturais acompanha a pluralidade da mente humana, e se manifesta de forma individual e particular.

Neste sentido, a “cultura é uma estrutura sensória e psíquica que o homem possui e que lhe possibilita apreender o espaço, compreendê-lo, sistematizar esta compreensão e transformar este mesmo espaço através da materialização de seu subjetivo, ou seja, através de seu trabalho” (DAVIM, 2006 apud QUEIROZ et al., 2007, p. 35). Assim, a cultura é o referencial do ser humano, que se vale dos conhecimentos adquiridos por meio de suas experiências e sistematizados pela técnica, que aparece no cotidiano em sua forma de agir sobre a realidade, transformando o espaço de acordo com suas necessidades e interesses.

Situada no universo dos sentidos e dos valores sociais, a cultura pode ser definida como conjunto de práticas, habilidades, idéias, linguagens, relações e simbolismos comuns a uma sociedade que se constrói constantemente, por meio de experiências vividas no cotidiano, presente nas relações humanas. Sendo assim, a cultura é parte do espaço social, pois é inerente ao homem social e, conseqüentemente, às formas de dominação do meio.

Dentre as muitas definições para cultura, foi Samuel von Pufendorf, filósofo do século XVII, quem primeiro empregou a palavra cultura em um sentido absoluto, de algo que se opõe à natureza, designando, assim, o conjunto das obras humanas no seu contexto social. Kant define a cultura como conjunto dos fins a que o homem pode

atingir livremente pelo fato de possuir uma natureza racional (GRANDE ENCICLOPÉDIA..., 1998).

Homens de culturas diferentes usam lentes diferentes e, portanto, têm visões desencontradas das coisas. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são, assim, produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986, p. 67-68).

Dessa forma, o que para a cultura local parece ser uma coisa muito simples, para a cultura de outra nação, por exemplo, pode ser algo inconcebível. Portanto, cada lugar é definido por sua própria história, ou seja, pela soma das influências acumuladas, provenientes do passado, e dos resultados daqueles que conservam maior relação com as forças do presente e dão suporte ao desenvolvimento do grupo.

A cultura consiste em padrões explícitos e implícitos de comportamento, adquiridos e transmitidos por símbolos, que constituem as realizações distintivas dos grupos humanos, inclusive suas incorporações em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste nas idéias tradicionais (isto é, recebidas e selecionadas historicamente) e especialmente nos valores que se lhes atribuem; por outro lado, os sistemas de cultura podem ser considerados como produtos de ação e também como elementos condicionantes de ação futura (HOEBEL; FROST, 1976, p. 4).

A cultura, assim exposta, pode ser caracterizada como um fenômeno essencialmente ecológico-social, pois, embora não possua uma raiz puramente biológica, no sentido genético, é fruto de uma necessidade ou exigência ambiental, e não de iniciativas espontâneas do ser humano.

A atribuição de valores e significados ao local onde se mora remete a uma sensibilidade carismática em que o Estado secularizado atua no sentido de congregar seu povo, reunindo em torno de sentimentos de pertencimento e induzindo ao que se poderia chamar de uma *sacralidade* do patrimônio, pois esta percepção daquilo que é sagrado e a seriedade de espírito que ela desperta é acompanhada pela atribuição de caráter sagrado aos poderes, transcendentais ou terrenos, que os homens consideram governar as suas vidas. Podemos dizer que o bem decretado como representativo da cultura torna-se superior (LEITE, 2006, p. 36).

A cultura refere-se também a algo constantemente aprendido com a família, com a religião e com a escola, por meio dos contatos, experiências cotidianas, ou seja,

podemos entender que cada um constrói seu pensamento baseado em sua carga cultural, de modo que a construção do espaço, feita posteriormente, vai retratar as práticas sociais e particularidades culturais engendradas nesse processo.

De caráter subjetivo e objetivo, a cultura está presente nas práticas sociais e no campo dos pertencimentos mentais e psicológicos do homem (crenças, mitos, tradições), mas manifesta-se de maneira prática, de modo a influenciar na construção do conhecimento, das ciências, das manifestações artísticas, da produção material e imaterial do espaço, da política, entre outras formas de atuação. Assim, a cultura é dinâmica e norteia o desenvolvimento do homem, agindo como uma importante variável na produção do espaço.

No século XV, o ser humano do início da Idade Moderna confirmava sua impotência diante da destruição física, da morte. Diante do enfraquecimento do poder da Igreja, que outrora se afirmava na intermediação entre o ser humano e o além, impôs-se uma “economia política da salvação pessoal”, ou seja, uma relação individual de cada um com Deus. O reino dos céus passou a ser uma conquista individual, onde seriam julgadas a fé, as obras e as perfeições. A morte solitária e excluída tornava-se presente. Com o surgimento do racionalismo, o poder da Igreja ficou ameaçado, na medida em que ela sobrevivia do imaginário da imortalidade. As religiões abarcam suposições sobre a morte e, para muitos, se constituem em um modo possível de enfrentamento psíquico diante de certas patologias que desnudam a finitude. Morin (1970, p. 194 apud RABELO, 2006), em uma assertiva provocativa, referindo-se ao cristianismo, pontua que Deus nasce e vive da noção de morte: “a religião é determinada unicamente pela morte. Cristo irradia em torno da morte, só existe para e pela morte, traz consigo a morte e vive da morte”.

Com o desenvolvimento das sociedades industriais e o desenvolvimento técnico e científico da medicina, a partir do século XIX, a visão da morte e a interação com o paciente moribundo modificaram-se ainda mais radicalmente. A revolução higienista radicalizou a separação entre vivos e mortos de tal modo que o convívio entre estas duas condições passou a ser visto como uma fonte extremamente importante de perigo, contaminação e doença.

O espaço funerário passou a ser cercado, chegando a ser estipulada a altura da divisória que separaria os dois mundos, sendo esquadrihado de forma que a vigilância pudesse ser viabilizada. Introduziram-se quadras e sepulturas com números, nomes dos falecidos foram colocados nos túmulos, fixando também a data de falecimento. Através dessas medidas, a saúde pública e a higiene entrelaçaram a vida dos vivos com os corpos mortos.

De maneira geral, os cemitérios apresentam um grande valor artístico e cultural, no sentido de que correspondem a registros importantes do patrimônio cultural, material e imaterial de uma sociedade.

3 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

A Ilha de Maré localiza-se na Baía de Todos os Santos, em frente à entrada da Baía de Aratu, na foz do rio Cotegipe. É a segunda maior ilha da Bahia de Todos os Santos e pertence ao município de Salvador, estado da Bahia, no Brasil. (Figura 1). A sua população vive da pesca, da pequena agricultura familiar e, devido à proximidade do continente, muitos trabalham nos bairros de Periperi, Paripe, Plataforma e Ribeira. Outros trabalham no Porto de Aratu, ainda na capital. Parte do seu território pertence, reconhecidamente, a remanescentes quilombolas.

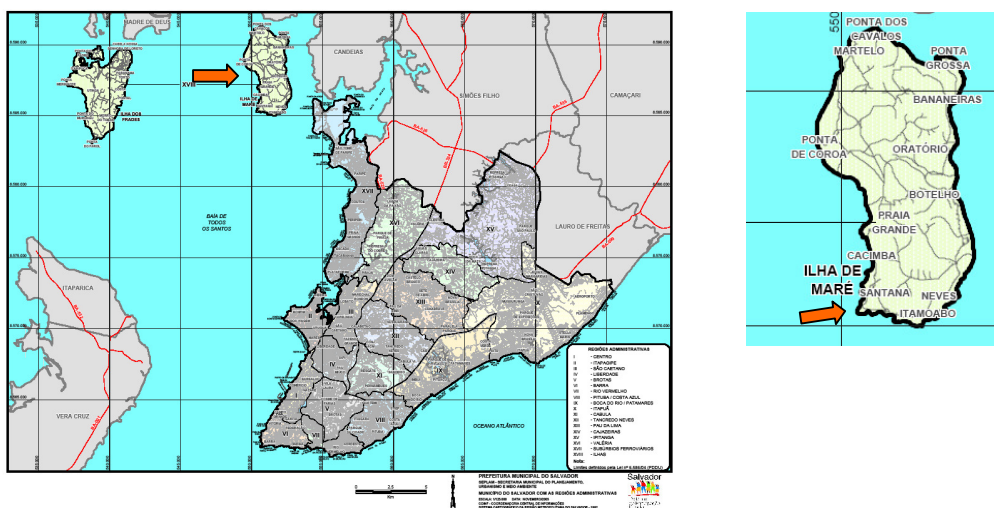


Figura 1. Município de Salvador e regiões administrativas, com destaque para Ilha de Maré e comunidade de Santana. Fonte: <http://www.seplam.salvador.ba.gov.br>

Nos seus 13,87 km² de área não existem estradas, nem automóveis. O transporte mais comum é feito por jegues. Por se encontrar afastada do continente por apenas dez milhas náuticas, no trajeto costeiro ao subúrbio ferroviário, a Ilha da Maré tornou-se um lugar atrativo, palco de constantes visitas de turistas, velejadores e moradores circunvizinhos.

A travessia é feita em barcos, também chamados pelos nativos de lanchas, movidas a diesel, e que, a depender do porte, podem transportar até cento e cinquenta pessoas. As embarcações têm como ponto de partida o Terminal Hidroviário de São Tomé de Paripe.

O cemitério da Ilha de Maré, localizado na comunidade de Santana, fica disposto em área residencial, em um terreno com declividade, medindo 160 metros de frente, 180 metros de fundo, 280 metros de lateral direita e 260 metros de lateral esquerda, conforme informado pelo seu administrador. Não foi identificada a data da sua fundação nos arquivos da Secretaria Municipal de Serviços Públicos e Prevenção à Violência (SESP), mas encontramos jazigos com data de 1929, indicando tratar-se de um cemitério secular (Figura 2).

Conforme foi observado, existem jazigos que expressam as condições sociais de cada família, com a arte expressa nos detalhes (Figura 3) e outros em estado de completo abandono (Figuras 4-5).



Figura 2. Jazigos antigos. Cemitério de Santana Ilha de Maré. Salvador-BA.



Figura 3. Arte expressa em detalhes. Cemitério de Santana. Ilha de Maré. Salvador-BA.



Figuras 4 e 5. Jazigos mal conservados no Cemitério de Santana – Ilha de Maré. Salvador-BA.

Parte do muro do cemitério desmoronou há cerca de dez anos, devido às fortes chuvas da época, e ainda não foi reconstruída. Também é visível o estrago gerado pelas fortes enxurradas que passam por dentro do cemitério, juntando-se ao esgoto que corre a 'céu aberto', além das residências construídas muito próximo ao local (Figuras 6-9).



Figura 6. Muro danificado no cemitério de Santana. Ilha de Maré. Salvador-BA.



Figura 7. Efeito das enxurradas no Cemitério de Santana. Ilha de Maré. Salvador-BA.



Figura 8. Esgoto a 'céu aberto' próximo ao Cemitério de Santana – Ilha de Maré – Salvador-BA..



Figura 9. Destroços do muro e residências próximas ao cemitério de Santana – Ilha de Maré – Salvador-BA.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada na Ilha de Maré – Salvador-Bahia, nas localidades de Santana, Botelho e Praia Grande, em novembro de 2009. Foram entrevistadas 40 pessoas, de ambos os sexos, com idade variando entre 18 e 78 anos, sendo a maioria nativos, com escolaridade variando entre o Ensino Fundamental I e Superior Completo.

Os entrevistados foram escolhidos de maneira aleatória e a abordagem foi realizada de forma amistosa, com a identificação da entrevistadora e a explicação dos objetivos do estudo. As entrevistas foram realizadas somente com o assentimento das pessoas que, no decorrer do trabalho, foram informadas e orientadas sobre o problema relativo ao cemitério local, podendo tornar-se porta-vozes para disseminação das informações obtidas.

A pesquisa ecológica trabalha em ambos os lados da divisa entre o mundo biofísico, “a natureza”, e o mundo social, “a cultura”. Essa tarefa é particularmente difícil devido à grande separação, tanto epistemológica quanto institucional, entre as ciências naturais e as ciências sociais. Se as ciências sociais confrontam o desafio de incorporar as dinâmicas do mundo biofísico dentro de sua prática, as ciências naturais enfrentam o desafio inverso: no seu entendimento dos distintos ciclos naturais teria que levar em conta o mundo humano e suas estruturas políticas e socioeconômicas. Para que exista uma ciência verdadeiramente ecológica, um diálogo profundo entre as ciências sociais e

as ciências naturais, que focalize o relacionamento dinâmico e interdependente entre o mundo biofísico e o mundo social, são necessárias certas mudanças paradigmáticas na prática científica, nos planos epistemológico, metodológico e institucional (LITTLE, 2006, p. 88).

O homem, por ser considerado um ser biocultural, a partir de suas relações com o ambiente e a cultura, através das ações biológicas e os fenômenos sociais, é capaz de se autoproduzir continuamente, especificando seus próprios limites, à medida que interage com o meio em que vive.

5 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Através da pesquisa constatou-se que todos os entrevistados possuíam parentes enterrados no cemitério de Santana, exceto duas moradoras, por residirem há pouco tempo no local (cerca de 3 anos) (Figura 10).

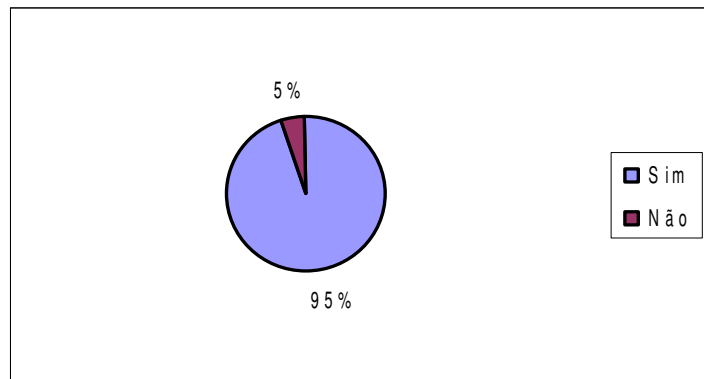


Figura 10. Frequência dos entrevistados que têm parentes enterrados no cemitério.

Embora já existam parâmetros para o estudo da contaminação do solo e do lençol freático por cemitérios (ALMEIDA; MACEDO, 2005; BARROS et al., 2008), não existem ainda pesquisas que comprovem os problemas relacionados ao cemitério da Ilha de Maré. A população encontra-se dividida em relação à possibilidade do cemitério estar ou não influenciando na qualidade de vida e do meio ambiente, conforme mostra a Figura 11.

Sabemos que a urbanização desordenada e seus desdobramentos físicos, sociais e econômicos têm sido fatores relevantes para aceleração dos impactos ambientais e na

saúde humana. Os cemitérios foram construídos afastados das áreas urbanas e, com o crescimento populacional, as pessoas mais pobres passaram a ocupar as áreas menos privilegiadas, vivendo sem a cobertura dos serviços essenciais.

Para os que acreditam que o cemitério pode estar causando problemas, justificam-se citando problemas de saúde como: dengue, doenças de pele, doenças do sistema respiratório (trazidos ou levados pelo vento) e, até mesmo, câncer, como desabafou D. Luiza: *"antes aqui era difícil uma criança morrer, nossos velhos morriam por causa da idade, mas hoje morrem de câncer"*. A população considera que a falta de saneamento básico tem afetado de forma direta na saúde, uma vez que, ao chover, a enxurrada que desce do cemitério mistura-se ao esgoto a 'céu aberto', provocando doenças na comunidade.

Por outro lado, aqueles que não acreditam que o cemitério pode estar influenciando a saúde humana e ambiental, justificam seu posicionamento dizendo que o número de sepultamentos é baixo – cerca de 10 por ano, que as covas são relativamente profundas², conforme informou Sr. Denílson: *"aqui morre pouca gente e o coveiro demora a cavar no mesmo lugar, além da água salgada matar qualquer germe ou doença"*. Completa D. Severina: *"aqui nós não vemos covas mal cuidadas, não sentimos mau cheiro e o administrador e o coveiro cuidam bem do cemitério"*.

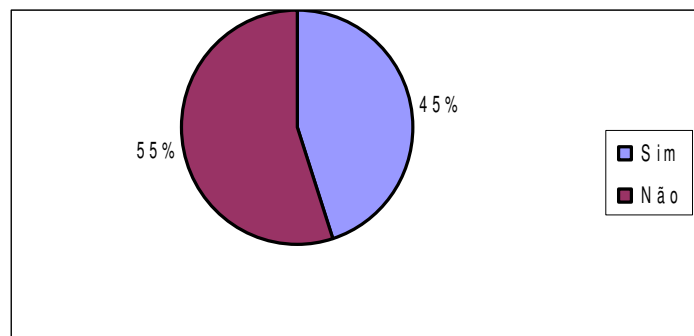


Figura 11. Posicionamento dos entrevistados em relação à influência do cemitério na qualidade de vida local.

² Segundo dados fornecidos pelo administrador do cemitério, as covas têm cerca de 1,40 m a 1,65 m de profundidade, a depender do local a ser cavado e das condições do cemitério. Essa profundidade é compatível com a definida pelo Decreto 11.301, de 02 de maio de 1996, que dispõe sobre as normas que regulamentam o funcionamento dos cemitérios da Prefeitura no Município do Salvador, em cujo artigo 20 determina-se que as covas tenham as seguintes medidas internas: Para sepultamentos de adulto: 0,80 cm de largura, 2,20 m de comprimento e 1,20 m de profundidade; Para sepultamento de crianças: 0,60 cm de largura, 1,50 m de comprimento e 1,00 m de profundidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR, 2006).

Embora exista a possibilidade de interdição do cemitério e se verifique na ilha um bom número de associações de moradores, pescadores e marisqueiras, a população ainda não tem se organizado para solucionar o problema junto aos órgãos competentes.

Entre os transtornos que poderão ocorrer, caso haja a interdição, os mais citados foram: o financeiro, pois sepultamentos fora da ilha gerariam custos incompatíveis com a renda da população, composta basicamente por pescadores, marisqueiras, aposentados e estudantes; a dificuldade de transporte, pois, além do custo, tem a questão dos temporais no inverno, quando as embarcações são proibidas, pela Capitania dos Portos, de realizar a travessia, sob o risco de naufrágios; o desgaste físico e emocional de ter que transportar um ente querido para sepultar em outro lugar.

Como na ilha existe apenas o cemitério em Santana, alguns dos entrevistados relataram que, em épocas de temporais, para realizar sepultamentos de moradores de outras localidades mais distantes, como Bananeiras e Porto dos Cavalos, a população atravessa trilhas em manguezais, com a lama até a cintura, carregando o caixão.

A maioria dos entrevistados manifestou desejo de ser sepultado na própria ilha (Figura 12). Os motivos mais citados foram: os laços familiares, uma vez que seus parentes 'estão lá', a cultura local e as facilidades (financeira, física, emocional etc.). Os entrevistados que não têm preferência de local justificaram dizendo que, caso aconteça o falecimento fora da ilha, será mais viável serem sepultadas em outro lugar para não darem 'trabalho' aos familiares, mas desejam mesmo estar perto de seus parentes.

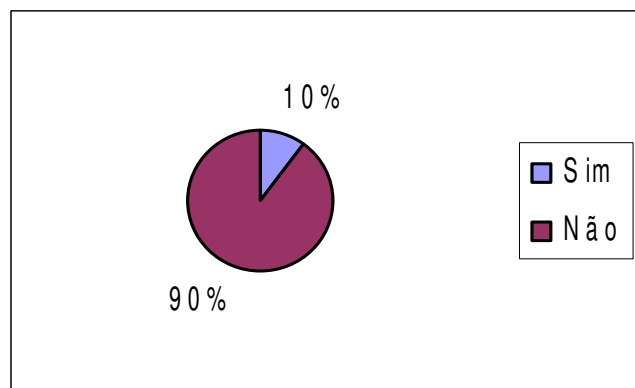


Figura 12. Posicionamento dos entrevistados em relação à preferência de sepultamento na ilha de Maré.

O significado individual de cemitério foi citado como: local de lembranças boas e ruins, tristeza, despedida, reflexão, descanso, repouso, local comum, local para “matar” saudades dos entes queridos, tranquilidade. Todos negaram já ter ouvido falar em mitos ou fantasmas ligados ao cemitério, nem mesmo pelos seus antepassados, deixando claro que a morte não está ligada ao medo, pavor ou qualquer outra coisa relacionada.

Quanto à mudança de costumes religiosos em relação ao aspecto visual do cemitério, a população encontra-se dividida (Figura 13). Para os que consideram que ocorreram mudanças, referiram-se aos protestantes, afirmando que não têm o hábito de ‘cuidar’ ou ‘visitar’ o local onde seus entes queridos estão sepultados. Duas pessoas relacionaram a falta de cuidado com o cemitério à perda de valores culturais, sentimentais e éticos, lembrando que, apesar das pessoas mudarem de religião, o respeito aos antepassados deveria continuar. Vale lembrar que é obrigação da família a conservação dos jazigos – sepultura, ou lugar a ela destinado; túmulo; monumento funerário.

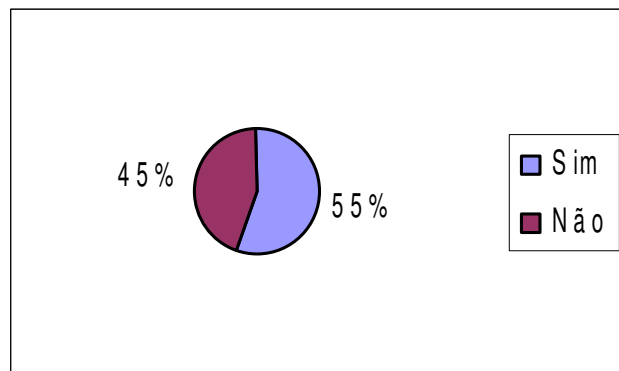


Figura 13. Posicionamento dos entrevistados quanto à influência da mudança de costumes religiosos no aspecto visual do cemitério.

Em relação à construção de um novo cemitério, caso ocorra a interdição do atual, os entrevistados foram praticamente unânimes em afirmar que essa medida é essencial (Figura 14). Dentre os motivos, foram citados: manter a família ‘unida’, manter a cultura local, evitar as dificuldades de deslocamento na época dos temporais e de natureza financeira, não necessitar de transporte, evitar desgaste físico e emocional, aliviar a sobrecarga de outro cemitério, além da comodidade. Apenas dois moradores referiram-se à falta de espaço na ilha, em decorrência do aumento da população.

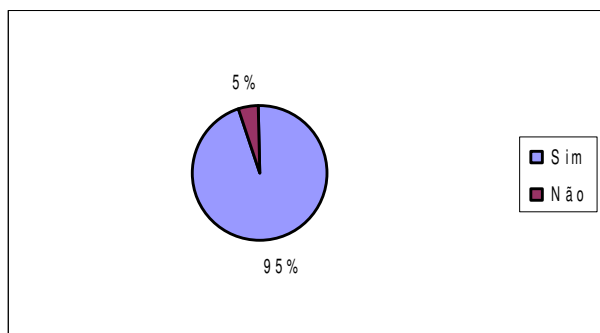


Figura 14. Posicionamento dos entrevistados quanto à necessidade de construção de um novo cemitério na Ilha de Maré, caso o atual seja interditado.

6 CONCLUSÕES

O desenvolvimento humano é uma construção histórica e social que ocorre ao longo da vida do indivíduo a partir da intervenção no meio e da relação com outros homens, através das atividades e das relações sociais que estabelece, sendo que o indivíduo internaliza esses conceitos e significados a partir de suas próprias experiências e apreciações.

Fica claro que o saber é sempre obra de uma comunidade humana e, portanto, deve ser entendido no plural. Essa variação decorre das diferentes formas de relação social que constituem tanto o saber como a comunidade.

Reconhecer a pluralidade do saber significa reconhecer a localização fundamental de todo saber, expressa em termos de ecologias, culturas e psicologias humanas.

O século XIX representou um período de mudanças em relação às representações mortuárias. As concepções de tradição católica, antes valorizadas, perderam espaço devido à revolução higienista, que radicalizou a separação entre vivos e mortos de tal modo que o convívio entre estas duas condições passou a ser visto como uma fonte extremamente importante de perigo, contaminação e doença (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Pode-se concluir que a decisão em relação a manter o cemitério atual ou construir um novo cemitério na Ilha de Maré é de extrema importância para a população local. Diante dos comentários feitos e das necessidades relatadas pelos entrevistados, cabe

aos órgãos competentes adotar as medidas que evitem os impactos socioambientais decorrentes do funcionamento indevido ou da interdição do atual cemitério.

7 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. de; MACEDO, J. A. B. de. Parâmetros físico-químicos de caracterização da contaminação do lençol freático por necrochorume. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO AMBIENTAL, 1., 2005, Juiz de Fora, MG. **Anais...** Juiz de Fora: Instituto Viana Júnior, 2005. p. 1-12. Disponível em: <http://www.tratamentodeagua.com.br/r10/Lib/Image/art_125263061_contaminacao_por_necrochorume.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2009.
- ANDRÉ, R. G. Representações e práticas mortuárias na cultura popular brasileira: influências e apropriações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, São Paulo, Ano II, n. 4, p. 239-265, maio 2009. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligio/pdf3/texto10.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2009.
- BARROS, Y. J. et al. Teores de metais pesados e caracterização mineralógica de solos do Cemitério Municipal de Santa Cândida, Curitiba. **Rev. Bras. Ciênc. Solo**, Viçosa, MG, v. 32, n. 4, p. 1763-1773, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcs/v32n4/a41v32n4.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2009.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2009.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA Larrousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998.
- HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.
- LEITE, E. Patrimônio cultural imaterial brasileiro. In: AJZENBERG, E. (Org.). Arteconhecimento. São Paulo: MAC-USP; Programa Interunidades de Pós-Graduação em Estética e História da Arte, 2006.
- LITTLE, P. E. Ecologia política como etnografia: um guia teórico e metodológico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a05v1225.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2009.
- PETRUSKI, M. R. A cidade dos mortos no mundo dos vivos - os cemitérios. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa – PR, v. 11, n. 2, p. 93-108, Inverno, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=324&path%5B%5D=218>>. Acesso em: 31 maio 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. Decreto nº 11.301, de 02 de maio de 1996. Dispõe sobre as normas que regulamentam o funcionamento dos cemitérios da Prefeitura no Município do Salvador e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.apms-ba.com.br/downloads/decretos/11301.doc>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

QUEIROZ, C. M. et al. Cemitérios uberlandenses, simbolismo, religiosidade e cultura no espaço de Uberlândia-MG. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 23, Edição Especial, p. 34-40, out. 2007. Disponível em: <<http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=505&layout=abstract>>. Acesso em: 31 maio 2009.

RABELO, M. K. O. Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental: testemunho histórico-antropológico. **Outras Palavras: Revista Científica da ESPAM**, Brasília, v. 3, p. 71-84, jul. 2006. Disponível em: <http://www.redenacionaldetanatologia.psc.br/Artigos/artigo_24.htm>. Acesso em: 31 maio 2009.

REIS, J. J. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da vida privada no Brasil - Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 96-141.